

MÍDIA, SOCIEDADE E CULTURA: CONEXÕES COM A OBRA BOM-CRIOULO

English Title: SEXUAL CULTURE AND LITERARY IMAGINARY: SOCIOCULTURAL PHENOMENA AND THE WORK BOM-CRIOULO

[doi> 10.33726/akdpapers2447-7656v14a92022p44a74](https://doi.org/10.33726/akdpapers2447-7656v14a92022p44a74)

PESSOA, Marcelo¹ –  <https://orcid.org/0000-0002-9193-4604>

RESUMO: Um trabalho como o nosso, pretende, ao por tais questões em evidência na Universidade, chamar a atenção para um comportamento cultural latente de reversão histórica da segregação imposta aos indivíduos que antigamente eram chamados de ‘inadequados’ (e que ainda hoje causam espanto). Justifica a intervenção científica, o fato de que tal tema chama-nos a enxergar a seara do consumo e da convivência social, quer seja pela inclusão digital televisiva, quer seja pela via consumista do *pink money*. Como resultados parciais, nossa pesquisa detecta que em nossa sociedade, há uma gama enorme de representações sociais sobre o assunto, o que forçosamente nos obrigou a fazer uma segunda opção pelos mesmos objetos de análise, ou seja, por em rota de comparação a representação literária e a midiática, propondo um diálogo entre um passado conservador e arcaico, e um presente pretensamente liberal e de vanguarda. Um dos pilares teóricos que nos sustentam, é o estudo de Freud, intitulado *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, junto ao de Lacan, no seminário “O desejo e sua interpretação”.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso e sociedade, questões de gênero, *pink money*

ABSTRACT: A work like ours, intends, through such issues in evidence at the University, to draw attention to a latent cultural behavior of historical reversal of the segregation imposed on individuals who were formerly called “inadequate” (and who still cause astonishment today). The scientific intervention is justified by the fact that this theme calls us to see the field of consumption and social coexistence, whether through digital television inclusion, or through the consumerist path of pink money. As partial results, our research detects that in our society, there is a huge range of social representations on the subject, which forced us to make a second option for the same objects of analysis, that is, to put literary representation as a comparison route. and the media, proposing a dialogue between a conservative and archaic past and a supposedly liberal and avant-garde present. One of the theoretical pillars that support us is Freud's study, entitled "Three Essays on the Theory of Sexuality", together with Lacan's, in the seminar "Desire and its interpretation".

KEYWORDS: Discourse and society, gender issues, pink money

¹ Bolsista de Produtividade Científica – Chamada 01/2021 – Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa – PQ / UEMG.

INTRODUÇÃO



O presente texto tem sua origem, no ano de 2015, ano o qual iniciamos a divulgação de vários estudos que antecedem a esta data, mas que, de algum modo, estariam relacionados a fenômenos socioculturais atinentes ao público LGBTQIAPN+², e, posteriormente, à Linguagem Neutra (PESSOA, no prelo, 2023), variante linguística esta nascente no Brasil, recebendo incorporações internas e externas ao Brasil, desde a publicação do *Manifesto ILE*³, além de escritas sobre o pensamento Conservador no Brasil (este assunto, alvo de outra publicação ainda no prelo).

A partir, então, de fenômenos socioculturais como os acima mencionados, observamos e reunimos a eles, outros, de natureza política, midiática, tais como as edições do televisivo e multiplataformas BBB 11, 12, 13, 14 e 15 (Big Brother Brasil), eventos de entretenimento de massa que, invariavelmente, passaram a contar em seu elenco, com participantes explicitamente representantes deste segmento sociocultural

² Versão mais recente (2022) da sigla GLS, a partir da qual, hoje, se tem identificado os integrantes da comunidade homossexual. A sigla nasceu, por meio do designativo genérico de designação dos ‘gays, lésbicas e simpatizantes’, mas que, com o tempo, incorporou ideias como a da representação visual das bandeiras *genderqueer* e dos não-binários, associando ou não, a tudo isso, as cores do arco-íris. Vieram, também, a representação gráfica ampliada atual (LGBTQIAPN+), adicionando-se ao contexto, banheiros exclusivos em empresas e escolas, além de contratos de trabalho direcionados no setor privado e público. Junto, veio também o símbolo acima em destaque (para os não-binários), a formulação de uma ‘linguagem neutra’, também chamada de ‘linguagem inclusiva’, até que, em 22/09/2022, no momento de nossa consulta, a sigla, que começou com três letras (GLS), já assumia a presente conformação gráfica, abrangendo todo o público de Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais. Com tantos ganhos, vieram também grandes polêmicas, tais como a de que homens biológicos, ao realizarem a transição para o *status* feminino, passaram a competir nos esportes, entre as mulheres biológicas, ‘de igual para igual’. O contrário, mulheres biológicas tornadas homens, participando em competições masculinas, em pé de igualdade, ainda não há registros (12/2022).

³ BERTUCCI, Pri & ZANELLA, Andrea. Manifesto ILE Para uma comunicação radicalmente inclusiva – Lançado em 2015. Reprint in: SKYYVODKA, 2017. Disponível em: <http://www.skyyvodka.com.br/#!/artigo&manifesto-ile-para-uma-comunicacao-radicalmente-inclusiva>. Acesso em: 02/04/2021, às 12h05min.

(o público LGBT)⁴, e fatos correlacionados à polarização política, acentuada no Brasil, entre 2017 e 2022.

Foi assim que, fatores socioculturais diversos nos chamaram a atenção, ainda antes destes já aludidos. Por exemplo, um deles deu-se, quando, o programa denominado “Na Moral”, sob o comando do jornalista e apresentador Pedro Bial, funcionário da mesma emissora global do BBB, levou ao ar a realização de um casamento *gay*, num de seus episódios, exibido em 19 de julho de 2012.

Esta mesma emissora, a despeito disso, passou, desde então e mais explicitamente, a produzir telenovelas acenando para este contexto das diversidades. É emblemático, o case do novelístico “Meu Pedacinho de Chão” (em duas edições: 1971 e 2014), que trouxe às telas, a ideia da masculinização da mulher, com a personagem Gina (que, na edição de 2014, foi vivida pela atriz Paula Barbosa).

A sutileza desta primeira abordagem global da temática LGBT, se reafirma, ainda mais sutil que a de 1971. Em 1979, a GLOBO veicula a novela “Dancin’days”. A letra da canção de abertura, trazia versos (tais como: Abra suas asas / Solte suas feras / Caia na gandaia / Entre nessa festa) que, associados a um ritmo altamente dançante, embalaram um enredo social forte, que reuniu nos bastidores da produção, pesos pesados da dramaturgia da emissora, tais como Janete Clair, Dennis Carvalho, Daniel Filho, Gilberto Braga, Marcos Paulo, bem como, grandes atores e atrizes, como Beatriz Segall, Glória Pires, Sônia Braga, Joana Fomm, Pepita Rodrigues, Antônio Fagundes, Ary Fontoura, Lauro Corona, Reginaldo Faria, Mário Lago, José Lewgoy e outros, *staff* este que, em função da qualidade do trabalho que realizavam, serviriam perfeitamente para ‘validar’, somente com suas imagens, quaisquer

⁴ Vale a nota que, mesmo já em edições anteriores isto já acontecesse, ainda que de modo subliminar. Fato é que, na edição de número cinco, do *reality big brother*, o vencedor foi Jean Wyllys, notório militante LGBT e que, depois, tornou-se deputado federal e defensor fervoroso das causas homossexuais na Câmara dos Deputados.

ideias, produtos ou serviços aos quais seus nomes estivessem ligados – foi assim que todos entramos nesta festa, mesmo sem termos um ‘convite’ formal e qual o traje adequado.

A leveza da trilha sonora da novela incluiu, dentre outras, as canções “João e Maria” (de Chico Buarque), “Amanhã” (de Guilherme Arantes), e a homônima, “Dancin Days” (de Nelson Motta & Rubens Queiroz). Esta última música foi grande sucesso de vendas. Inserida no álbum *Caia na Gandaia*, da *girl band* As Frenéticas, lentamente virou *hit parade* de baladas *gays* dos anos 90, especialmente a partir da regravação, em 1996, realizada pelo notório e assumido homossexual, o cantor Lulu Santos (Programa “Conversa com Bial”, TV GLOBO, 31/05/2019. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/7659928/>).

Desde então (ao menos, de 1971 / 1979 para cá), a TV GLOBO sempre tem colocado, com maior ou menor evidência (e, quase sempre, a tendência pende para o polo do ‘mais’), pautas da diversidade, personagens, relacionamentos *gays* e ou temáticas LGBT em seus programas, novelas, filmes, seriados e demais produções.

É assim, que personagens *gays*, travestis, transexuais, não-binários etc., não têm sido exatamente ‘novidades’ nessa seara televisiva e cinematográfica em que a GLOBO atua.

Complementa-se, e. g., a informação de 1971 e de 1979, outra novela, a denominada “Explode Coração” (1995), donde vimos uma personagem feminina, a Sarita Witt, vivida por um ator masculino, Floriano Peixoto.

Continua esta exemplificação, o caso da personagem transexual, Ramona (vivida pela atriz Claudia Raia), em “As Filhas da Mãe” (2001).

Este fenômeno de 2001, talvez tenha sido elevado a um novo patamar, quando, em 2015, tivemos a novela “Babilônia”, em que as atrizes Nathália Timberg e Fernanda Montenegro – respectivamente à

esquerda e à direita na imagem abaixo –, deram ao público, as imagens de um beijo *gay* feminino, na noite de 16/03/2015, cena que, ainda no final de 2022, tem suscitado discussões em redes sociais.



Imagem extraída de <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>.

Retomando o viés cronológico do texto, vemos que, na trama de “Aquele Beijo” (2011), a emissora se valeu das mesmas práticas em exercício laboratorial desde 1971, dando vida à personagem feminina Ana Girafa, interpretada pelo ator masculino Luis Salém.

Já, na novela seguinte, “Geração Brasil” (2014), o ator Luis Miranda surge como a travesti Dorothy. Nordestina e negra, a personagem carrega, assim, outras duas características que ajudam a calibrar o teor de ‘denúncia’ que a trama traria quanto aos preconceitos não ditos de uma parcela dos brasileiros – o estereótipo do ‘nordestino’ e o do ‘negro’, para este fim, foram muito bem pensados e ajustados ao contexto LGBT.

Em “Amor à Vida” (2014), o personagem Félix (vivido pelo ator Mateus Solano), e o personagem Niko (vivido pelo ator Thiago Fragoso), protagonizaram um beijo *gay* masculino, no capítulo final, que teve

importância histórica para a televisão brasileira, uma vez que levado ao público, um ano antes do episódio experienciado por Nathália Timberg e Fernanda Montenegro, em 2015.

Na novela “Em Família” (2014), temos o casal “Clarina”, alcunha por meio da qual a dupla ficou conhecida, visto que o relacionamento da personagem Clara (vivida pela atriz Giovanna Antonelli), com a personagem Marina (vivida pela atriz Tainá Müller), permitiu a criação do neologismo.

E, para finalizarmos a lista, a qual poderia ser mais extensa em direção ao volume do indefinido, em 2022, a TV GLOBO levou ao ar, “Cara e Coragem”. Esta novela, por sua vez, além de ter em pauta a promessa de repetição de beijos *gays*, especialmente protagonizados pelos personagens Hugo (ator Raphael Theophilo) e Enzo (ator Pablo Sanábio), trouxe ao público a utilização de termos da ‘linguagem neutra’ ou ‘linguagem inclusiva’, variante linguística proposta pelo público LGBT, mas que ainda não foi acatada pela norma culta e nem também pela ABL – Academia Brasileira de Letras (PESSOA, 2023).

DISCUSSÕES – PARTE I

A partir de nossas observações quanto aos fatos mencionados, notamos que eles despertaram inúmeros desconfortos socioculturais, ao menos foi o que presenciamos nas ruas, nos corredores universitários etc.

Só a título de amostragem dessa repercussão, coletamos informações que nos deram conta de que, quando pusemos a expressão “na moral casamento *gay*”, sem aspas, no site de buscas Google, o resultado, no dia 21/08/2012, às 10h33min, foi de 908.000 (novecentos e oito mil) indicações de *links* contendo discussões sobre o assunto.

A mesma expressão, “na moral casamento *gay*”, igualmente sem aspas, consultada no mesmo site, em 30/09/2013, às 21h29min, apesar de mais de um ano depois da primeira busca, ainda ofereceu o número de 399.000 (trezentos e noventa e nove mil) entradas sobre o assunto.

E, em 17/04/2015, realizando a mesma busca, obtivemos o resultado de 251.000 (duzentos e cinquenta e um mil) resultados. Ou seja, três anos depois de nossa primeira consulta ao Google, o tema “na moral casamento *gay*”, apesar do decréscimo de entradas sobre o assunto, ainda desperta o interesse de muitíssima gente e aponta, não mais para uma tendência comportamental sexualmente tendenciosa ou desvirtuante, mas, para uma realidade instalada em nossa sociedade e em nossa cultura.

Tanto é assim, isto é, tratar-se de um evento sociocultural já consolidado, que, quando fizemos o mesmo procedimento, em 28/12/2022, quase dez anos após a primeira consulta, às 11h49min, o número de resultados saltou dos 908.000 iniciais, para 2.670.000 (dois milhões, seiscentos e setenta mil) indicações de *links* versando direta ou indiretamente sobre isso.

Se alinharmos essa repercussão na mídia eletrônica às diversas reações populares percebidas, diante das mesmas situações com a mesma conotação sexual, veremos que esta reação pode dar-se, às vezes, de forma violenta, repelindo de perto de si os membros dessa ou daquela minoria sociocultural, donde se verifica que, pelo viés da ‘violência’, o volume e a duração da repercussão são mais comuns do que inicialmente possa transparecer:

Freud defendia o ponto de vista cultural filosófico de que a cultura deve seu aparecimento à repressão impulsional, ou seja, à abstinência impulsional, o que também procurou demonstrar no problema de invenção do fogo. A ideia básica é que as conquistas culturais são sucessos de energia sexual sublimada, donde se depreende que a repressão sexual constitui fator indispensável de qualquer formação de cultura (REICH, 1988, p. 42).

Na mesma linha, se fizermos um cotejamento dessa super exposição LGBT na mídia, tornada mais eloquente a partir do aval global, e se posta, ainda, à luz dos saberes da psicanálise relacionados à repressão libidinal com o imaginário religioso medieval, por exemplo, veremos que, num passado não muito distante, o desconforto social neste meio vinha à tona, sobretudo, por meio do mesmo modelo de contenção sexual aludido acima por Reich.

Isto é, a cultura de um tempo e de um povo se manifestava, dentre outras maneiras, também por meio da excessiva preocupação com a questão do prazer sexual, com os ‘perigos’ da masturbação, da homossexualidade, e com outros tantos ‘desvios’ ou desvirtuamentos sexuais.

Há livros clássicos sobre o tema no meio religioso. Exemplarmente, lembramos aqui a obra *A virgindade consagrada*, de Santo Agostinho, e o texto de *Ética – Fundamentos, Oração, Sexualidade*, de Martinho Lutero.

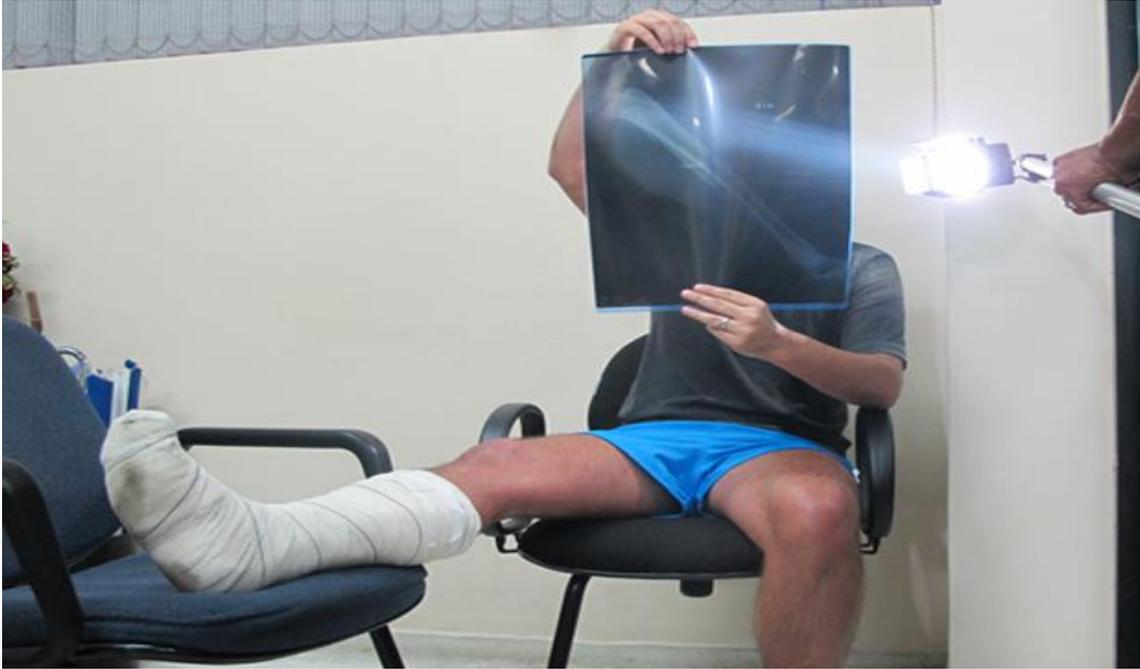
Nos tempos atuais, contudo, depois da ‘revolução sexual’, desencadeada nos anos de 1960, passamos a computar a repercussão do assunto, via suportes midiáticos modernos como a internet. Nisso, vemos que em nossa sociedade ainda ocorre uma espécie de volta à era da sublimação e repressão sexual, nos moldes das:

Várias sociedades [que ainda] utilizam ritos de iniciação para que o menino se afaste do mundo das mulheres e renasça homem. Esses rituais comportam três etapas bastante dolorosas: a separação da mãe e do mundo feminino; a transferência para um mundo desconhecido; a passagem por provas dramáticas e públicas. Quando tudo é concluído, o menino é considerado homem. Em diferentes culturas e épocas, observa-se a preocupação com a idéia de que os filhos sejam contaminados pelas mães. Acreditam que, se não forem afastados delas, não é possível tornarem-se homens adultos (LINS, 2007, p. 159).

Mas, então, porque, apesar de uma consciência cultural histórica praticamente tribal, ressurgente no século XXI, de cor emocional rupestre, que acolhe fenômenos como os da separação entre meninos e mães, percebemos comportamentos culturais tão arraigados e praticamente de ‘oposição’ a tais sintomas, como a homossexualidade, a linguagem neutra, ainda despertam ou atraem para si tanto espanto, como se fossem novidades em nossa sociedade?

Será, que é porque, enquanto espécie, ainda somos uma paradoxal mistura de aspectos primitivos, representáveis pelo concreto e pelo aço, associados a modernismos, representáveis pelos *terabites*, pelo *Twitter*, pelo *Facebook*, podendo, às vezes, gerar atitudes absurdamente contrárias entre si, como hiperexposição midiática em horários nobres de televisão, combinadas com falsas inclusões sociais, via *pink money* (o chamado ‘dinheiro rosa’, diz respeito ao ‘poder de compra da comunidade LGBT), sobrepostas a atitudes repressivas, sublimantes ou agressivas?

Não se trata evidentemente, de darmos um tratamento consumista de *merchandising* à homossexualidade, discutindo o que se mostra explicitamente neste ou naquele BBB ou no “Na Moral”. Mas, sobretudo, de tentarmos entender a natureza de parte dos motivos dos ‘olhares’ de assombro ou de mero interesse especulativo constatados via internet ou dos espancamentos nas ruas dos grandes centros urbanos destinados à comunidade LGBT, como o brutal ataque feito ao jovem Marcos Paulo Villa (foto abaixo) e ao seu namorado, na Av. Paulista, centro financeiro de São Paulo, em 02/10/2011:



(imagem extraída de <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>)

A agressividade posta ali em evidência pareceu caminhar silente pelas vielas da cultura e da psique humana, oculta pelas máscaras de uma civilidade artificialmente enjaulada pelos interesses nem sempre claros do consumo, da política, da filosofia, encolhida dentro de uma gigantesca redoma de pseudos avanços tecnológicos. Em suma, vemos que a nossa película de civilização é tão sublimada quanto a nossa sexualidade – e nisso, temos um inevitável encontro pós-moderno, entre Eros e a Civilização (MARCUSE, 1981).

DISCUSSÕES – PARTE II – O homoerotismo de Bom-Crioulo

Neste trabalho, ao interpormos a questão LGBTQIAPN+ em certos cenários da cultura e da sociedade, chamamos a atenção do leitor para um comportamento cultural que, embora evidente, subjaz envolto a episódios de penumbras reflexivas. Assim, queremos dizer que, ao mesmo tempo em que se detecta em nossa sociedade, uma gama enorme de representações sobre o assunto, por meio de filmes, novelas, linguagem artificial, amplia-se o espectro a ser observado.

Neste sentido, portanto, é salutar que, neste texto, direcionemos o foco, para um recorte menor do problema. Optamos, por aderência teórica formativa do pesquisador, ao ambiente da representação literária. Propomos, nesse contexto, um diálogo entre um passado notoriamente Conservador, e um presente pretensamente Progressista, conjunturas que, na pós-modernidade, figuram como tempos distintos e continuamente negligenciados pela crítica especializada.

Parte da teoria que se construiu acerca disso, dá conta de afirmar, que a repressão sexual acontece quando existe a expectativa da punição. Neste sentido, a sublimação se expressa por meio da impossibilidade da realização do desejo. Desse modo, o desejo e a fantasia humana em torno dos afetos sexuais reprimidos e ou condenáveis, só podem se manifestar para além do imaginário coletivo, por vias indiretas.

Ou seja, por intermédio de seus substitutos metafóricos nas letras de um romance (ou nas imagens ficcionais de uma telenovela, de uma bandeira, de uma gama de novos vocábulos de linguagem etc.). E é o que parece ocorrer em *Bom-Crioulo*, romance em que, ao se realizar uma zoomorfização de alguns personagens, se compara o personagem central ao perfil de um bruto, de um animal – o personagem, assim animalizado, passa, ele próprio, a desempenhar a função metafórica da repressão / punição sexual:

Entretanto, o seu nome ia ganhando fama em todos os navios. – Um pedaço de bruto, aquele Bom-Crioulo! diziam os marinheiros. Um animal inteiro é o que ele era! Tinha um desejo ainda: suspirava por embarcar em certo navio, cujo comandante, um fidalgo, dizia-se amigo de todo marinheiro robusto; excelente educador da mocidade, perfeito cavalheiro no trato ameno e severo. Bom-Crioulo conhecia-o de vista somente e ficara simpaticando imensamente com ele. Demais, o comandante Albuquerque recompensava os serviços de sua gente, não se negava a promover os seus afeiçoados. Isso se dizer que preferir um sexo a outro nas relações amorosas podia ser uma calúnia como tantas que se inventavam por aí... Ele, Bom-Crioulo, não tinha nada que ver com isso. Era uma questão à parte, que diabo! ninguém está livre de um vício (CAMINHA, 2002, p. 25).

Se Freud falava em deformações oníricas nas quais os conteúdos sofriam inversões ou mudanças de valor afetivo, na obra de arte ou na ficção, talvez seja mais adequado falarmos em deformações substitutivas, em que o autor encontra, em suas imagens e em seus personagens e tramas, a oportunidade de se expressar, de realizar-se a ele mesmo.

Como diz Lacan, o seu “real” se materializa, ou, enfim, seu desejo se expressa e, por sua vez, tanto a sociedade quanto as suas leis e estruturas organizacionais se tornam visíveis, por exemplo, por meio de uma lei moral, como a da heterossexualidade, em que a punição aparece nela enviesada pela censura indireta à homossexualidade e de uma gama de outros desejos sexuais igualmente reprimidos.

Freud propunha que a produção dos escritores ficcionais poderia encontrar sua motivação nos sonhos diurnos ou fantasias humanas de um modo geral, como já dissemos. O que vemos em nossa análise, contudo, é que podemos levar adiante essa relação entre a produção literária e a representação que se faz, a partir dela, da estrutura social, evidenciando a representação de mecanismos intencionais ou inconscientemente entorpecidos do comportamento humano:

Sua amizade ao grumete nascera, de resto, como nascem todas as grandes afeições, inesperadamente, sem precedentes de espécie alguma, no momento fatal em que seus olhos se fitaram pela primeira vez. Esse movimento indefinível que acomete ao mesmo tempo duas naturezas de sexos contrários, determinando o desejo fisiológico da posse mútua, essa atração animal que faz o homem escravo da mulher e que em todas as espécies impulsiona o macho para a fêmea, sentiu-a Bom-Crioulo irresistivelmente ao cruzar a vista pela primeira vez com o grumetezinho. Nunca experimentara semelhante coisa, nunca homem algum ou mulher produzira-lhe tão esquisita impressão, desde que se conhecia! Entretanto, o certo é que o pequeno, uma criança de quinze anos, abalara toda a sua alma, dominando-a, escravizando-a logo, naquele mesmo instante, como a força magnética de um ímã (CAMINHA, 2002, p. 26).

O desejo último do possuidor é o de continuar possuindo ou dominando os limites de seu 'objeto' de dominação, até mesmo quando o desejante está distante do objeto de sua posse. Daí, então, dá-se mentalmente ao prazer, donde se permite continuar desejando para que a satisfação não permaneça recalçada em seu subconsciente. Desse modo:

Bom-Crioulo metia-lhe medo a princípio, e quase o fizera chorar uma vez, porque o encontrara fumando em intimidade com o sota de proa na coberta. O negro deitara-lhe uns olhos!... Felizmente não aconteceu nada. Mas, daí em diante, Aleixo foi-se acostumando, sem o sentir, àqueles carinhos, àquela solicitude, que não enxergava sacrifícios, nem poupava dinheiro, e, por fim, já havia nele uma acentuada tendência para Bom-Crioulo, um visível começo de afeição reconhecida e sincera (CAMINHA, 2002, p. 27).

Em *Bom-Crioulo*, Adolfo Caminha dribla a expectativa e a censura socialmente em nós condicionadas e também a nossa própria repressão sexual recalçada. No fragmento abaixo, parece que temos a descrição de uma rotina de convivência corriqueira, comparável ao diário de um casamento hétero. Entretanto, a cena narrada em si não surpreenderia em nada, se não fosse pela natureza sexualmente 'pervertida' de seus atores (e nisso, lembramo-nos dos fundamentos da 'Liga Brasileira de Higiene Mental'. Ver: (SEIXAS; MOTA; & ZILBREMANN, 2009):

Tudo avultava desmesuradamente em sua imaginação de marinheiro de primeira viagem. Bom-Crioulo tinha prometido levá-lo aos teatros, ao Corcovado (outra montanha donde se avistava a cidade inteira e o mar...), à Tijuca, ao Passeio Público, a toda parte. Haviam de morar juntos, num quarto da Rua da Misericórdia, num comodozinho de quinze mil-réis onde coubessem duas camas de ferro, ou mesmo só uma, larga, espaçosa... Ele, Bom-Crioulo, pagava tudo com o seu soldo (CAMINHA, 2002, p. 32).

O que encontramos neste trecho são passagens que nos remetem à ressignificação do ato sexual para a descrição social aberta e ao mesmo tempo fechada da vida militar. Seu enredo se parece com um cadáver que se sacode dentro do túmulo, revoltado contra a própria

morte a qual é obrigado a acolher, movendo as mordanças auto impostas da sociedade aos leitores, assim como o navio literário de *Bom-Crioulo* balanceia nossa mente, revirando as prováveis resistências de seus tripulantes (os leitores):

Nas horas de folga, no serviço, chovesse ou caísse fogo em brasa do céu, ninguém lhe tirava da imaginação o petiz: era uma perseguição de todos os instantes, uma ideia fixa e tenaz, um relaxamento da vontade irresistivelmente dominada pelo desejo de unir-se ao marujo, de gozá-lo!... (CAMINHA, 2002, p. 29).

Porque Caminha fala-nos do desejo mais íntimo de seu personagem? Provavelmente é para que o leitor também, catarticamente reprimido, se delicie ou se liberte, seduzido que estará pela bela descrição em que a cena nos é apresentada. Ao mesmo tempo, com sua censura (ou falta dela), Caminha atua como narrador onisciente, e nisso nos protege de reconhecermo-nos nesta cena da qual fazemos parte como sociedade, mesmo que pela recriminação social, da higienização ou da falsa inclusão do *pink money*, da fama instantânea obtida no “Big Brother Brasil”, ou da exposição novelística, sejamos excluídos dela como personagens e, por isso mesmo, desejando cada vez mais inconscientemente dela participar.

O livro de Caminha, em 1895, teve, em sua época, particularmente no que tange à sexualidade, o mesmo papel catártico que o que hoje têm o “Big Brother”, o “Na Moral”, o “Pânico na TV” e, por extensão, também as ‘falecidos’ redes sociais Orkut & MSN, e o atualíssimo *super star high tech FACEBOOK / Meta*.

No caso de *Bom-Crioulo*, o livro não é o provedor do *site* (como se daria no *FACEBOOK*), mas é o autor do romance quem nos dá essa oportunidade de nos satisfazermos diante de uma tela (permeada por pixels ou por letras, tanto faz). Queiramos ou não, o nosso desejo de gozarmos virtualmente na fantasia de onde a pulsão encontra seu objeto, se vale do nosso olhar: ver e ser visto. Olhando, identificamo-nos, ao

mesmo tempo, com os personagens que observamos em seu passeio lúbrico, bem como defrontamo-nos com nossas próprias fantasias ou necessidades sublimadas:

Os anticoncepcionais surgidos na década de 1960 permitiram a dissociação entre o ato sexual e a reprodução, revolucionando os valores e as normas relativos à sexualidade. A homossexualidade, representante máxima dessa dissociação, em que é possível atingir um alto nível de prazer sem a menor possibilidade de reprodução, foi beneficiada socialmente (p. 282). [...] A sexualidade torna-se mais livre; ao mesmo tempo em que gay é algo que se pode “ser” e “descobrir-se ser” (p. 283) (LINS, 2007).

Portanto, o que importa saber ao estudarmos um exemplar da literatura, como se tal fosse um estudo de caso clínico relatado num consultório psicológico / psiquiátrico, não é somente de sua literariedade sob o ponto de vista da estética, mas, além disso, o que é que cada interlocutor faz com seus universos sexuais reprimidos aqui depostos, como eles se descolocam em relação ao que leem no texto de Caminha. Queremos saber, a bem da verdade, se há alguma realidade psíquica a ser apreendida, aquela que se constitui na própria obra como reflexo da realidade:

Um belo domingo, em que todos deviam se apresentar com uniforme branco, segundo a tabela, o grumete foi o último a subir para a mostra. Vinha irrepreensível na sua toilette de sol, a gola azul dura de goma, calças boca-de-sino, boné de um lado, coturnos lustrosos. Bom-Crioulo, que já estava em cima, na tolda, assim que o viu naquela pompa, ficou deslumbrado e por um triz esteve fazendo uma asneira. Seu desejo era abraçar o pequeno, ali na presença da guarnição, devorá-lo de beijos, esmagá-lo de carícias debaixo do seu corpo. – Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje. Estava mesmo apto! (CAMINHA, 2002, p. 31).

Tal como em nossa análise textual, o significado só pode se realizar a partir dos dizeres do analista, quando lemos o trecho: “Sim senhor! Parecia uma menina com aquele traje”, não somos levados imediatamente ao encontro dos momentos em que as telenovelas da

GLOBO claramente revestem atores homens, com trajes de mulher e, desse modo, eles também não se pareceriam com ‘meninas’?

Assim, a tal realidade psíquica, social, cultural dos interlocutores se constitui apenas no contido do universo do sujeito em sua própria fala, e a obra de arte pode ser uma confissão das intenções de seu autor, ou facilitar a confissão de seus leitores por meio dela:

Depois de um silêncio cauteloso e rápido, bom-Crioulo, conchegando-se ao grumete, disse-lhe qualquer coisa no ouvido. Aleixo conservou-se imóvel, sem respirar. Encolhido, as pálpebras cerrando-se instintivamente de sono, ouvindo, com o ouvido pegado ao convés, o marulhar das ondas na proa, não teve ânimo de murmurar uma palavra. Viu passarem, como em sonho, as mil e uma promessas de Bom-Crioulo: o quartinho da Rua da Misericórdia no Rio de Janeiro, os teatros, os passeios...; lembrou-se do castigo que o negro sofrera por sua causa; mas não disse nada. Uma sensação de ventura infinita espalhava-se-lhe em todo o corpo. Começava a sentir no próprio sangue impulsos nunca experimentados, uma como vontade ingênita de ceder aos caprichos do negro, de abandonar-se-lhe para o que ele quisesse – uma vaga distensão dos nervos, um prurido de passividade... – Ande logo! Murmurou apressadamente, voltando-se. E consumou-se o delito contra a natureza (CAMINHA, 2002, p. 38).

O homoerotismo desperta elementos emocionais ocultos, evocando cenários inconscientes diante de cenas em que a homossexualidade se faz presente. As imagens evocadoras dessa repressão, em nosso caso, vêm-nos à mão por meio de imagens de televisão, de uma notícia de jornal ou do texto do livro *Bom-Crioulo*, de Adolfo Caminha.

Estas sensações a respeito da homossexualidade e suas manifestações conduzem-nos a outra questão que pode ser formulada assim: seriam estas demandas LGBT características da nossa época ou, ao contrário, tratam-se de angústias humanas atemporais e, portanto, próprias ao ser humano, as quais são constantemente revestidas com a roupagem do nosso momento histórico (no nosso caso, a pós-modernidade) e tecnológico (TV, mídia digital, internet, telefonia celular etc.)?

A noção de uma ordem instintiva não repressiva deve ser primeiramente testada nos mais “desordenados” de todos os instintos: os da sexualidade. A ordem não repressiva só é possível se os instintos sexuais puderem, em virtude de sua própria dinâmica e sob condições existenciais e sociais mudadas, gerar relações eróticas duradouras entre os indivíduos maduros. Temos de indagar se os instintos sexuais, após a eliminação de toda a mais-repressão, são capazes de desenvolver uma “racionalidade libidinal” que seja não só compatível, mas promova até o progresso para as formas superiores de liberdade civilizada (MARCUSE, 1981, p. 175).

Do embate teórico que se promove entre as considerações de Reich e Freud (via texto de MARCUSE, 1981), depreendemos uma combinação bizarra para os estudos do psiquismo humano que, de um lado, nos apresenta a repressão sexual (exercida sobre o sujeito, por um agente ou condicionante externos), e de outro lado, o recalçamento da sexualidade, (promovido pelo próprio sujeito a si mesmo).

Embora movimentos aparentados e constitutivos do psiquismo, são assim, paradoxais, a ponto de questionarmo-nos se desejamos mesmo nos livrar de tais amarras. Mas, se considerarmos o percurso histórico de nossas preferências sexuais, vemos que em qualquer época e em qualquer cultura, a mordaza libidinal sofre pouca influência da desrepressão aventada por Marcuse. Isto significa que uma maior liberdade sexual sentida a partir dos movimentos sexualmente revolucionários não tornou o contato da comunidade heterossexual com a homossexual mais simples ou tolerável:

Na Grécia clássica (século V a.C.), principalmente em Creta e Esparta, a homossexualidade era uma instituição, e os gregos não se preocupavam em julgá-la. Constituía, assim como o amor pelas mulheres, uma manifestação legítima do desejo amoroso. Não consideravam o amor por alguém do seu próprio sexo e o amor pelo sexo oposto como dois tipos de comportamento radicalmente diferentes. Se havia elogio ou reprovação, não era à prática de homossexualidade, mas à conduta dos indivíduos. Os termos homossexual e heterossexual eram desconhecidos na língua grega e para eles todo indivíduo podia ter preferência por rapazes ou moças, dependendo da idade e das circunstâncias (LINS, 2007, p. 263).

Fecundas inquietações surgem em nossa mente quando passamos a estudar a sexualidade e os signos de suas manifestações repressivas ou permissivas presentes em nossa sociedade e palpáveis ao longo da história. Assim, deparamo-nos com outra tese (lembremo-nos dos textos de Martinho Lutero e Santo Agostinho), que nos remetem à mesma ideia da participação da tradição judaico-cristã na formação destes padrões sexuais, já que Lins (2007, p. 263) dá-nos a informação de que na Antiguidade Greco-Romana não havia preconceito ao homossexual, o que praticamente os exclui de nosso *background* intelectual sobre o assunto e, de certo modo, agrava a participação dos religiosos no contexto de construção da repressão sexual:

No final do século XII, Alain de Lille, em seu *Liber poenitentialis*, definiu o pecado contra a natureza como o despender do sêmen fora do recipiente apropriado, e proscreeu a masturbação, a relação oral ou anal e a bestialidade, o estupro e o adultério como incluídos nessa categoria. Seus sermões sobre pecados capitais classificam sodomia e homicídio como os dois crimes mais sérios (LINS, 2007, p. 271).

Embora as bases contemporâneas dos valores éticos e morais de nossa cultura sexual encontrem suas matrizes na tradição Conservadora, sobretudo no arcabouço judaico-cristão, cujos alguns dos pilares do modelo Lins acabou de nos apresentar, tais alicerces não representam a essência do pensamento conservador sobre o assunto, tampouco se consolidam mesmo após o enfraquecimento da influência da cultura clássica grega no mundo ocidental.

Assim, seria no mínimo injusto atribuir exclusivamente ao Cristianismo toda a culpa pelo recalque que os ocidentais desenvolveram em relação aos prazeres sexuais: o Cristianismo apenas fundamentou e preservou parte de um legado da cultura que, ao longo do tempo, passou a hostilizar o prazer e os diferentes modos de uso do corpo.

Uma das consequências disto sobre a sexualidade é que a prática sexual por puro prazer, passou a ser considerada uma doença, e o

desregramento homoerótico, um castigo divino, um pecado, falta de pureza etc., transformando esta ou aquela prática ou opção sexual motivo para apartheid ou passível de higienização.

A cura para esse mal, se Deus assim o quisesse, só poderia ocorrer por intervenção celestial. Tal cura, porém, não viria apenas de Deus. Como os semideuses da Roma pagã, os santos da Igreja Católica poderiam igualmente ser evocados para se alcançar o 'milagre' da redenção sexual.

Apenas como exemplo de um tipo de redenção ou castigo divino, seria o vírus da AIDS. Esse vírus se constituiu no grande inimigo da vida e do prazer sexual, cuja existência se justifica no inconsciente coletivo de grande parte da população, justamente pela lógica da repressão oriunda de Alain de Lille e seus postulados, cuja violação se constituiria num pecado para o qual a morte seria a melhor punição. Assim, a homossexualidade foi o primeiro reduto ao qual a origem do vírus da AIDS foi reputada e, conseqüentemente, formando-se daí o maior grupo de pessoas estigmatizadas, devido à doença da imunodeficiência.

Defende-se assim, por oposição indireta à homossexualidade, a opinião de uma sexualidade com o rótulo de 'normal', conforme a natureza do comportamento sexual, cujo desvio, a depravação (*pravus*)⁵ seriam definidos como atos 'contra a natureza'.

Sustentam os defensores desse modo de ver, que as perversões que existem não seriam inclinações naturais humanas e, neste diapasão, tudo seria antinatural e não bem visto por Deus. É nesta perspectiva que São Tomás de Aquino qualifica certas práticas sexuais de 'contra a natureza', alegando uma natureza comum aos homens e aos animais:

⁵ É somente a partir do final do século XIX e no século XX que o termo "perversão" tem sido usado em relação aos comportamentos sexuais que fogem à norma. Em sua origem, no sentido de uma "reversão", de um "retorno contra", o termo aparece pela primeira vez, em 1444, derivado do Latim "*perversio*". Sobre este ponto ver o trabalho de Carlos Augusto Peixoto Júnior. Cf. Peixoto Júnior. C., A., "Um breve histórico da perversão na sexologia do século XIX", In: Boletim de Novidades da Livraria Pulsional, São Paulo, XI, 105, 34-49, jan. 1998.

No século XX, o homossexual continuou aprisionado. Hoje, ainda é visto por muitos como perigoso ou sem-vergonha e, na melhor das hipóteses, como doente e desviante. Duas razões podem explicar essas atitudes discriminatórias. A primeira deve-se à nossa ignorância: depois de 150 anos de estudos e polêmicas, ainda não sabemos definir com precisão esse comportamento fluido e multiforme, cuja origem não se conhece claramente. A multiplicidade de explicações reforçou o mistério e, portanto, a estranheza. A outra razão é de ordem ideológica. Uma vez que nossa concepção de masculinidade é heterossexual, a homossexualidade desempenha o útil papel de contraste, e sua imagem negativa reforça ao contrário o aspecto positivo e desejável da heterossexualidade (LINS, 2007, p. 275).

Assim, toda vez que a sexualidade se desvia da finalidade primeira que a referência animal e natural nos mostra – união de dois órgãos sexuais diferentes para a preservação da espécie – estamos diante de uma perversão: pedofilia, necrofilia, masturbação, heterossexualidade separada da procriação, homossexualidade, sodomia, bestialidade, zoofilia etc.

Observa-se também que, ao lado desse pensamento filosófico em torno da sexualidade, a tendência ao recalque deve-se também às exigências dos ideais estéticos e morais fixadas pela hereditariedade. Ou seja, a ontogênese reatualiza o capital filogenético dos comportamentos sexuais que foram estabelecidos como herança cultural – a hereditariedade como contingência explicativa da homossexualidade seria uma aquisição cultural – tal como postulada em *Totem e Tabu*, assim explicitada por Marcuse:

O termo perversões abrange fenômenos sexuais de origem essencialmente diferente. O mesmo tabu impera sobre manifestações instintivas incompatíveis com a civilização e sobre as que são incompatíveis com a civilização repressiva, especialmente a supremacia monogâmica genital. Contudo, dentro da dinâmica histórica do instinto, por exemplo, a coprofilia e a homossexualidade ocupam um lugar e têm uma função diferente. Uma similar diferença prevalece dentro de uma e a mesma perversão: a função do sadismo não é igual numa livre relação libidinal e nas atividades das tropas SS. As formas inumanas, compulsivas, coercivas e destrutivas dessas perversões parecem estar associadas à perversão geral da existência humana em uma cultura repressiva [...] (MARCUSE, 1981, p. 178).

Os chamados ‘efeitos nocivos da sexualidade’ – práticas contra a natureza, uma vida conjugal promíscua, os perigos da masturbação, do coito interrompido, a homossexualidade, eram discutidos em uma perspectiva asséptica e repressiva.

Em meados do século passado, aparecem novos nomes para velhas práticas sexuais, numa tentativa de se definir a especificidade de certas condutas luxuriantes. Assim, aquilo que já foi, num tempo, abominável e criminoso, hoje, na era das discussões sobre os gêneros e dos reposicionamentos das minorias, pode ser chamado de ‘direito à diferença’.

Foi assim que, na esfera da linguagem, por exemplo, o termo ‘homossexualismo’ perdeu espaço, para o conceito de ‘homossexualidade’:

Por exemplo, em 1869 o médico húngaro Benkert⁶ cria o termo "homossexualidade", a fim de transferir do domínio jurídico para o médico esta manifestação da sexualidade. Entretanto, como observa Foucault, enquanto o sodomita era aquele que praticava atos jurídicos proibidos, o homossexual do Séc. XIX "transforma-se em um personagem: um passado, uma história e uma infância; uma morfologia também, com uma anatomia indiscreta e talvez uma fisiologia misteriosa. Nada de seu todo escapa à sexualidade... O homossexual transforma-se numa espécie"⁷. Estão aqui lançadas as bases para aquilo que em nosso século será acentuado: os comportamentos sexuais são transformados em identidades sexuais (<http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08).

Em nosso texto, portanto, a obra *Bom-Crioulo* aparece historicamente num contexto em que as diferenças sexuais ainda não eram bem-vindas, mas, a discussão, como vimos a partir de alguns teóricos, já existia subjacente. Atualmente, as contendas continuam, já, a aceitação das diferenças, quase que frequentando o rol de mera teoria.

⁶ - BADINTER, E., "De l'identité masculine", Paris, Odile Jacob, 1992, p. 153.

⁷ - FOUCAULT, M., "La volonté de savoir", Paris, Gallimard, 1976, p. 59.

Considerações Gerais sobre a Sexualidade em *Bom-Crioulo*

A obra de Adolfo Caminha, *Bom-Crioulo*, é representativa, ao mesmo tempo de aspectos do inconsciente abstrato da mente humana quanto de aspectos da realidade presentes nas interações socioculturais, especialmente nos termos de recorte até aqui expostos.

O romance em questão emerge da esfera do reduto meramente artístico e adentra na redoma do universo simbólico particular e coletivo. Embora centrada no Rio de Janeiro – RJ, e de dentro de uma ambientação essencialmente militar – a vida dos marinheiros –, a obra em voga deixa de lado as discussões relativas a uma e outra atmosfera (isto é, aos polos artísticos e do inconsciente coletivo da caserna) e propõe implícitos questionamentos sobre a sexualidade, sobre o imaginário e sobre os lapsos de violência a esse contexto associáveis:

E lá ia uma obscenidade, um calão grosseiro. Palavra puxa palavra, quase sempre o gracejo acabava em questões de outra ordem e daí prisões, castigos... Ora, aconteceu que, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à murada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados (CAMINHA, 2002, p. 16).

Veja-se que no trecho está implícita a temática da repressão sexual quanto à masturbação, visível ao leitor a partir do emprego de expressões como “junto à murada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe”; “a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano” e “cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados”.

Ao lermos o fragmento acima, percebemos a existência de uma memória cultural de cunho judaico-cristã repressora sobre a sexualidade, pois o que se observa na cena narrada é entendido como desvio sexual (ver Alain de Lille, em seu *Líber poenitentialis*).

A aparente prática da masturbação, a qual se dá a entender, é vista como uma prática sexual desviante, que precisaria ser higienizada da sociedade. Ela, então, é explicitada e subentendida no relato de Caminha, e psíquica e sociologicamente inteligível, assim:

O criminoso aparece então como um ser juridicamente paradoxal. Ele rompeu o pacto, é, portanto, inimigo da sociedade inteira, mas participa da punição que se exerce sobre ele. [...] Efetivamente a infração lança o indivíduo contra todo o corpo social; a sociedade tem o direito de se levantar em peso contra ele, para puni-lo. Luta desigual; de um só lado todas as forças, todo o poder, todos os direitos. E tem mesmo que ser assim, pois aí está representada a defesa de cada um (FOUCAULT, 1987, p. 76).

No fragmento e nos trechos seguintes ao episódio narrado, vemos que o marinheiro flagrado na prática de um ato sexual social e moralmente condenável se torna alvo da ira de seu círculo de relações e, nos termos oferecidos por Foucault, passível de punição.

A comunidade marinheira no navio, se performa como metáfora flutuante do mundo e das vozes sexuais reprimidas que nos chegam pelos ecos da história, e que se transfiguram e ou se reificam na plateia de televisão diante dos programas e personagens *gays* midiaticamente expostos. As chibatadas públicas no convés são exemplares. Tal como ocorre no navio-cenário do texto de Caminha, ocorre na Avenida Paulista, com o jovem Marcos Paulo Villa. O vínculo do singular violento com a barbárie do imaginário coletivo se opera pela força da escrita que, a um só tempo, evidencia o problema, libertando o leitor e a plateia:

Segundo Freud, a civilização começa com a inibição metódica dos instintos primários. Podem-se distinguir dois modos principais de organização instintiva: a) a inibição da sexualidade, resultando em duradouras e crescentes relações grupais; e b) a inibição dos instintos destrutivos, conduzindo ao domínio do homem e da natureza, à moralidade individual e social (MARCUSE, 1981, p. 105).

O individual e o coletivo são tocados simultaneamente e, no caso dos marinheiros, a pena é modelar, porque soa como alerta simbólico

para os demais marinheiros. Assim, o ser humano se manifesta como sujeito agente e paciente, ao mesmo tempo do prazer e da dor, e seu psiquismo se satisfaz numa consciência de si mesmo socialmente racional e simultaneamente idílica:

De repente, porém, Bom-Crioulo teve um estremecimento e soergueu um braço: a chibata vibrava em cheio sobre os rins, empolgando o baixo-ventre. Fora um golpe medonho, arremessado com uma força extraordinária. Por sua vez Agostinho estremeceu, mas estremeceu de gozo ao ver, afinal, triunfar a rijeza do seu pulso (CAMINHA, 2002, p. 20).

Há situações em que a obra de arte funciona como se fora um espelho, um duplo realista, onde o sujeito comum pode se ver e não se reconhecer: é essa uma das leituras de mundo que a estética do Realismo viabiliza por intermédio da obra de arte. Paradoxalmente ao Realismo, pelo mesmo viés, evidencia-se que existir no mundo pode ser apenas uma fantasia, dada à extrema força dos elementos repressores e, portanto, limitantes.

Entretanto, em qual esfera estaria efetivamente localizada a repressão sexual experimentada pelos marinheiros no trecho abaixo? Na realidade objetiva, na qual vive o homem comum ou no emaranhado subjetivo e catártico midiático da TV GLOBO ou no redigido por Caminha, de onde derivam sujeitos transformados pela resignificação simbólica de suas existências?

No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem. Grande foi seu desapontamento ao ver-se apanhado em flagrante naquela grotesca situação (CAMINHA, 2002, p. 17).

Vê-se que a realidade humana é mais uma abstração teórica a serviço deste ou daquele psicólogo, antropólogo ou sociólogo e menos uma prática efetiva dentro da qual nos colocamos voluntariamente

dispostos, ainda, a acreditar em tudo que nela há. Só se pode mesmo é falar dela assim, híbrida, composta simultaneamente do falso e do verdadeiro.

Adolfo Caminha diz-nos de sua experiência pessoal diante das observações sociais que realiza e narra profeticamente nossa pseudo-realidade em sua obra. Por isso, nessa observação lítero-midiática, é tênue a fronteira entre realidade e abstração, pois:

A repressão sexual é um fenômeno curioso, na medida em que algo meramente biológico e natural sobre modificações revela algo quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação quando é deslocado do plano da Natureza para o da Sociedade, da Cultura e da História. Entretanto, a repressão não é apenas algo que vem de fora, submetendo as pessoas. As proibições e interdições externas são interiorizadas, convertendo-se em proibições e interdições internas, vividas sob a forma de vergonha e culpa (LINS, 2007, p. 243).

A ideia de práticas sexuais desviantes, como a masturbação foi, como vimos, duramente condenada por parte da sociedade e pela Igreja. De mesma índole recriminatória, o derramamento de sêmen humano também.

Desse modo, a trama de *Bom-Crioulo* está ligada aos valores simbólicos da sexualidade do homem pela linguagem que a revela. O que ela, a linguagem produz, é uma representação da realidade em forma de metáforas sexuais contínuas e simultâneas, as quais apenas nos horizontes da convivência humana em sociedade se tornam possíveis desvendar-se.

No caso da obra de Adolfo Caminha, o estilo realista é marcado pelas analogias sexuais, ora vistas sob a ótica da repressão, ora da exacerbação. Por meio delas instiga-se a catarse, embalam-se o sonho e a fantasia, deixando-se em evidência pela linguagem metafórica aquilo que talvez seja o objeto do desejo de quem lê seu texto. Assim, o autor desperta, a partir de sua construção literária, a função de satisfação pulsional implícita no inconsciente humano:

Com efeito, Bom-Crioulo não era somente um homem robusto, uma dessas organizações privilegiadas que trazem no corpo a sobranceira resistência do bronze e que esmagam com o peso dos músculos. [...] Quando havia conflito no cais Pharoux, já toda a gente sabia que era o Bom-Crioulo às voltas com a polícia. [...] O motivo, porém, de sua prisão agora, no alto-mar, a bordo da corveta, era outro, muito outro: Bom-Crioulo esmurrara desapietadamente um segunda-classe, porque este ousara, “sem o seu consentimento”, mal-tratar o grumete Aleixo, um belo marinheiro de olhos azuis, muito querido por todos e de quem diziam-se “coisas” (CAMINHA, 2002, p. 19).

Finalmente, apesar de cumprir bem o caráter de trecho de amostragem, o que vemos neste fragmento, no entanto, é que ainda não é por formas diretas ou tampouco explícitas, que o desejo do personagem Bom-Crioulo pressente sua realização. Há, no excerto, apenas uma menção, uma inferência sugerida ao leitor em torno da ideia de que Bom-Crioulo estivesse ‘defendendo’ o grumete, isto é, o marinheiro iniciante, Aleixo, devido aos interesses sexuais que ele, Bom-Crioulo, nutria em relação ao jovem.

Contudo, tal referência torna-se mais evidente, à medida que a trama se desenrola, por meio do envolvimento do leitor com a linguagem do romance, como vemos na sequência do mesmo trecho que se segue:

Reconhecia que fizera mal, que devia ser punido, que era tão bom quanto os outros, mas, que diabo! estava satisfeito: mostrara ainda uma vez que era homem... Depois estimava o grumete e tinha certeza de que o conquistara inteiramente, como se conquista uma mulher formosa, uma terra virgem, um país de ouro... Estava satisfeítíssimo! (CAMINHA, 2002, p. 19).

O personagem que protagoniza a trama – Bom-Crioulo –, cujo destino é sempre vencer, dada à força das descrições e atributos que lhe são impingidos pelo narrador –, teria facilmente o amor de todas as mulheres, mas deseja um ser do mesmo sexo, e nota-se que nisso está a sua majestade. É daí que a particularidade e a coletividade catártica são enunciadas, e que o contrassenso sociocultural se agiganta, fazendo desse dilema do tempo passado, o embaraço do tempo presente.

É neste mesmo contexto, de promoção do que é contraditório ao patamar de consenso, que a TV GLOBO, desde 1971, opera, imprimindo um caráter de normalidade ao tema LGBT, e revestindo seus atores e atrizes, seu staff de produção e de roteiristas, com uma majestade intelectual que ainda está longe de sair dos muros do PROJAC (Projeto Jacarepaguá, fundado pela emissora, em 1995, no Rio de Janeiro – RJ), e ganhar as fronteiras do país.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, pusemos em evidência tais questões, para chamar a atenção quanto a um comportamento cultural latente de reversão histórica da segregação imposta aos que antigamente eram chamados de ‘inadequados’ (e que ainda hoje causam espanto), chamados que foram, à seara do consumo e da convivência social, quer seja pela inclusão digital televisiva, quer seja pela via consumista do *pink money*.

Ao mesmo tempo, vale salientar que nossa pesquisa detecta em nossa sociedade, uma gama enorme de representações sociais sobre o assunto, o que forçosamente nos obrigou fazer uma segunda opção pelos mesmos objetos de análise, ou seja, por em rota de comparação a representação literária e a midiática, propondo um diálogo entre um passado notoriamente conservador e arcaico, e um presente pretensamente progressista – quanto a isto, reportamo-nos aos estudos de Freud⁸ e Lacan, no seu seminário “O desejo e sua interpretação”⁹.

⁸ Dr. Sigmund Freud, pai da psicanálise, nasceu em 1856, vivendo até 1939. Fez grandes contribuições ao estudo da sexualidade humana, descrevendo seu desenvolvimento desde a infância. Foi o primeiro pesquisador a ousar dizer que as crianças eram dotadas de sexualidade desde o início da vida, que se auto-manipulavam em busca de prazer (prazer inicialmente oral, depois anal e finalmente genital). O estudo da sexualidade e de seus diferentes aspectos desenvolvimentais e clínicos passou a ter relevância a partir de seu trabalho intitulado “Três Ensaios Sobre A Teoria Da Sexualidade”. Desde então, uma série de estudiosos, pensadores e cientistas passou a buscar mais conhecimento a respeito desse complexo fenômeno biopsicossocial, tanto com referenciais psicanalíticos, quanto comportamentais e biológicos.

⁹ Lacan, em seu seminário ainda inédito, “O desejo e sua interpretação”, comenta, entre outras, a obra teatral de Shakespeare, “Hamlet”. Na sessão 22, de 27 de maio de 1959, ele diz que a obra de arte, no caso, obra de arte escrita, não pode ser considerada como uma transposição ou sublimação da realidade. Mais adiante, na mesma sessão, Lacan esclarece que a obra de arte não é paralela à ordem simbólica que

Outro fator que nos chamou a atenção e que ilustra ainda mais o teor de nosso discurso, deram-se quando o programa “Na Moral”, sob o comando do jornalista e apresentador Pedro Bial, funcionário da emissora GLOBO, levou ao ar a realização de um casamento gay num de seus episódios, exibido em 19 de julho de 2012.

Podemos dizer, de um lado, que a literatura e a mídia, sob a ótica dos significados sociais que produzem, estariam na ordem da decifração da metáfora, da exposição do imaginário coletivo ou mesmo da magia, na qual o sentido não aparece de forma imediata ou instantânea – seus sentidos precisam de certo tempo para virem à tona. De outro lado, vemos que a programação de televisão, repleta de exposições eróticas, de excessivo nudismo e de pouca valorização da privacidade, tende a confundir na mente das pessoas os horizontes do que é crível ou do que é simplesmente inventado, do que é legal e do que é ilegal, do que é moralmente aceitável ou condenável.

Noutros termos, quero dizer que sabemos que na literatura há um consenso entre leitor e autor, em que ambos concordam com um apagamento das fronteiras da realidade, por ser o mesmo que dizer que na TV, nas telenovelas, isso também pode ser assim. E, em especial, naqueles programas que se autointitulam *reality shows*, como o BBB.

A realidade deles é tão parecida com a nossa, que chegamos a acreditar que aquilo não é uma produção televisiva orientada para o entretenimento e para o consumo. “Na Moral” não obedece à linha do *reality*, mas também não fica fora desse mesmo formato. O “Big Brother” é a metalinguagem de *reality* por excelência, assim como o “A Fazenda”, da TV Record – todos ‘incluem’, só que para fora: pobres, gays, o cidadão anônimo, farão parte do *show*, desde que concordem em se tornar simultaneamente produto e consumidor.

estrutura a realidade humana. Ela é transversal a esta simbolização humana da realidade, ela tem a natureza de um corte que se efetua nessa realidade. E o que aparece, o que se constitui nesse corte, é o sujeito. Nas palavras de Lacan, nesse corte, o “real” do sujeito se manifesta.

A sexualidade a nu, nas telas da televisão, longe de ser impactante, é mesmo gratificante. A catarse invade as salas de jantar das famílias e, por pequenos momentos, a plateia se desaloja de seu exoesqueleto civilizacional e se permite ‘fantasiar’ perversidades consumistas e sexuais à meia luz.

É oportuno salientar que a psicanálise estaria na ordem da metonímia ou do chiste, isto é, dos efeitos surpreendentes a que determinadas construções de sentido podem induzir, uma vez que os significados psicológicos daquilo que deixa transparecer, mesmo que parcialmente durante o processo, ao final da história pode ser compreendido ou remetido para outros horizontes de significação.

Isso colocou mídia, sociedade, literatura e psicanálise em nosso trabalho no mesmo divã sociocultural, uma vez que todas as possibilidades semânticas por nós articuladas não se constituem em veredictos, mas apenas em direções prováveis, em perguntas e apontamentos parciais sobre as compreensões possíveis da natureza humana, por meio das letras do texto de *Bom-Crioulo* ou dos *pixels* das imagens e enredos *gays* das telenovelas.

Não dizemos com isso que a metáfora esteja ausente na psicanálise, uma vez também que o texto completo, a obra, ela mesma em si, poderia ser considerada como uma metáfora do desejo sublimado de seu autor – talvez. O que não necessariamente o torna um ser homoerótico, mas um indivíduo partícipe de uma coletividade igual a de seus leitores, isto é, analogamente catártica e auto-realizada diante do que lê, ainda que recalcada ou sublimada.

No tempo intervalar do ‘breve’, do instante, é que a personalidade se deixa revelar. No instante remoto do intervalo comercial da TV ou da entrelinha de *Caminha*, então, pudemos tentar compreender a personalidade dos personagens – reais, ficcionais, não sei mais. Não nos interessa analisar a origem ou a qualidade do desejo de qualquer um dos

atores em particular. Interessou-nos desenvolver nesse trabalho olhares esparsos e duvidosos sobre as certezas que tínhamos sobre o assunto, a fim de que as consequências do estudo pudessem ser moralmente mais aceitáveis do que a violência gratuita expressa na Avenida Paulista.

Podemos apontar que a leitura de um texto literário pode ser realizada de um modo comum, diletante, crítico ou analítico. Tal como nas associações subjetivas que faz aquele que conta seu sonho, temos, no texto literário, a mesma oportunidade de nos deparar com o fantasma subjetivo de quem escreve e o quê anima esta escrita. Em ambos os casos, sente-se a presença do desejo e da pulsão de uma individualidade ou de uma coletividade.

Vemos aqui uma ocasião de se alcançar algo do estilo de quem captura a imagem, de quem escreve. E perguntamo-nos se na contundência do tema de “Babilônia” ou do texto de Caminha, se o viés do discurso homoerótico fica mais por conta do caráter controverso dos posicionamentos sociais, culturais, religiosos do que de sua própria intenção de assim o fazê-lo.

O que a mídia e arte finalmente nos ensinam a esse respeito é que o sujeito do desejo é, sobretudo, um suposto culpado *a priori*. Ele somente se realiza e também se destrói naquilo que faz. Ou seja, naquilo em que ele é feliz reside toda a sua ruína.

O que a obra nos informa sobre o nosso modo de viver neste mundo, está sob a ótica da mais-repressão e, portanto, o desejo é um vazio, uma falta, um nada, um reencontro impossível com uma cena originária de vida que só pode ser alcançada na plenitude de uma morte ou por sua reconstrução na fantasia através de um conjunto significativo que toma a forma de um enredo, de uma imagem, de um caso clínico, de uma história real ou inventada, mas, de qualquer modo, sempre interessante de ser lembrada, mas jamais comprada por dinheiro algum, seja qual for a sua cor ou sua identidade.

REFERÊNCIAS

- CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. São Paulo: Ática, 2002.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.
- FREUD, S. (1908). El poeta y los sueños diurnos. In: *Obras Completas de Sigmund Freud* Madrid: Biblioteca Nueva, 1973. v. 2, p. 1343–1348.
- JUNIOR, Durval Wanderbroock. *A Educação sob Medida – os testes psicológicos e o higienismo no Brasil (1914-45)*. Maringá: Eduem, 2009.
- LACAN, J. (1951). Abertura desta coletânea. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LACAN, J. (1958). *Seminário 06: O desejo e sua interpretação* (inédito).
- LACAN, J. (1966). *Seminário 13: O objeto da psicanálise*. (inédito).
- LINS, Regina Navarro. *A Cama na Varanda*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2007.
- MARCUSE, Herbert. *Eros e Civilização – Uma Interpretação Filosófica do Pensamento de Freud*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- PESSOA, Marcelo. Ocorrências de linguagem neutra na UEMG – Unidade Frutal (Artigo Completo). In: *I CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO Brasil, 200 anos depois, 2023*. Evento ON-LINE. ANAIS do I CONGRESSO INTERNACIONAL MULTIDISCIPLINAR DE EDUCAÇÃO Brasil, 200 anos depois, 2023. v. 1. p. 144-153. No prelo – aguardando aceite para Congresso, 2023. Atualização de arquivo acatada pelo Editor.
- REICH, Wilhelm. *A Revolução Sexual*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.
- SEIXAS, André Augusto Anderson; MOTA, André Mota; ZILBREMANN, Monica L. A origem da Liga Brasileira de Higiene Mental e seu contexto histórico. *Revista de Psiquiatria* – RS. 2009; 31(1): 82. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rprs/a/K3G7Y6MPKHQmdbhtsCytBZx/?format=pdf&lang=pt>.

Sites e Mídias Eletrônicas

- <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos>, acesso em 13/04/08.
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Pink_money, acesso em 09/03/2014.
- http://www.meioemensagem.com.br/home/midia/ponto_de_vista/2014/07/17/Faturando-o-pink-money.html, acesso em 11/05/2015.
- <http://brasileiros.com.br/2011/06/o-poder-do-pink-money/>, acesso em 11/05/2015.
- http://televisao.uol.com.br/album/personagens-gays-novelas_album.htm, acesso em 11/05/2015.
- <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/03/por-que-o-beijo-gay-entre-fernanda-montenegro-e-nathalia-timberg-chocou-mais.html>, acesso em 11/05/2015.
- <https://www.google.com.br/search?q=foto+de+Marcos+Paulo+Villa+atacado+na+avenida+paulista>, acesso em 11/05/2015.